VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A ENERGIA ELÉTRICA EM CAMPINA GRANDE: O DESEJO DO CONFORTO NOS LIMITES DO ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO

Cataline Alves Brandão*

LUZ ELÉTRICA PARA A RAINHA DA BORBOREMA: BENEFÍCIOS E COMODIDADE

A luz artificial moderna mudou consideravelmente os hábitos na esfera do espaço público e privado, elaborando uma nova dinâmica da vida social. Na metade do século XIX tivemos a presença de uma forte intervenção política no que diz respeito à moradia. O objetivo residia na feitura de programas arquitetônicos, os quais estivessem dentro de um projeto mais amplo de urbanizar e embelezar as ruas, assim também a casa deveria passar pelas normas impostas pelos médicos-sanitaristas e engenheiros, estes dedicavam seus estudos a constante preocupação de manter as casas salubres e higienizadas, partindo da execução de normas e técnicas. Neste período veremos o apelo constante da burguesia em construir uma moradia agradável que proporcionasse um repouso satisfatório, fora das fábricas e do burburinho das ruas.

Como propõe Roche (2000: 147) [1]no século XIX, uma política nos planos nacional e local se instauraram aumentando os regulamentos no que diz respeito às

---

* Bacharel em História (2011). Mestranda do programa de pós-graduação em História, vinculada a linha de pesquisa Cultura e Cidades da Universidade Federal de Campina Grande- PPHG/UFCG.

ISBN: 978-85-98711-10-2

construções na cidade e no campo, visando, sobretudo, a comodidade que mudou por completo as condições de salubridade da habitação, uma busca constante em melhorar as condições gerais da moradia, com ênfase na ventilação e na iluminação.

Desde o século XVIII é verificável, na construção do imaginário social, a adoção da comodidade diária, esta última fortemente associada ao conforto. A necessidade da elite burguesa residia na busca de um bem-estar material. As necessidades passam a ser vistas nas formas de requinte, objeto dos projetos arquitetônicos burgueses.

Com isto, as mudanças não deixaram escapar os espaços privados; desta forma, a decoração interna segue na mesma intensidade das mudanças vividas no espaço público. O gosto pelas decorações se acentua podendo oferecer aos espaços a magia da luz, a ilusão dos espelhos, sem limites de utilização de todos os tipos de iluminação oferecidos pelos artistas, urbanistas e arquitetos.

Diante disso, Béguin (1991: 41-44) [2] nos fala da nova lógica afetiva que surge neste período, tomamos o exemplo da construção da família que passa a ser alicerçada dentro dos parâmetros da civilidade e consequentemente fazia-se necessário um lar que fosse conveniente para essa nova família moderna.

A família desta maneira deveria estar bem instalada, possuindo uma casa aconchegante, um jardim. Esses elementos facilitariam idealmente o encorajamento do homem ao trabalho, tornando-o mais respeitável, buscando assim, preservar e melhorar os elementos que constituíam sua casa, visando, sobretudo, o conforto.

> Se o conforto é uma arma poderosa, é porque ele atinge uma forma de bem-estar que ninguém deseja nem tem meios de recusar, na medida em que o espaço e as técnicas que permitem assim tal recusa tendem a desaparecer sob o efeito de pressões múltiplas. O conforto é, portanto, um processo de invasão ao qual não se pode resistir [...] (BÉGUIN: 1991: 48)

Neste sentido, a nova dinâmica da salubridade se constrói justamente em práticas e utensílios que promovam a facilidade da vida cotidiana. É uma novidade

---

[1] ROCHE, Daniel. História das coisas banais Nascimento do consumo nos séculos XVIII - XIX. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

[2] BÉGUIN, François. “As maquinarias inglesas do conforto”. In: Espaço e Debate- Revista de Estudos Regionais e Urbanos, n° 34. São Paulo: ano XI, 1991.

ISBN: 978-85-98711-10-2

empreendida que se impõe de forma latente na sociedade burguesa, construindo, assim, mais um meio de acompanhar as modificações em que as cidades ditas modernas vão seguir.

Com isto, a arquitetura da casa também se fazia através das suas funções práticas, como, por exemplo, a adoção de determinados aparelhos modernos que viriam a facilitar o cotidiano, a saber: água salubre e canalizada, casa limpa, aquecimento, energia elétrica, entre outros. Uma casa deveria ser limpa e iluminada para facilitar o processo de areação do ar onde poderia circular de forma satisfatória os fluidos.

Somando-se a isto, podemos citar que a existência de um cômodo bem iluminado era positivo para a saúde do morador da casa, assim como a iluminação poderia permitir, entre outras coisas, a ocupação nos mais variados afazeres; facilitaria a leitura de um livro, a atividade de fiar e tricotar, dependendo assim, do que fosse mais aprazível aos moradores do lar.

Neste cenário, é possível verificar todo um conjunto de elementos os quais eram considerados como úteis à vida doméstica, entre eles encontramos a utilização da eletricidade, componente do que Béguin chama de "função climática da arquitetura", sendo: a ventilação mecânica, a iluminação elétrica, a climatização.

Verificamos assim a crescente adoção da distribuição da eletricidade para fazer funcionar o rádio, a televisão, o telefone, a geladeira, aparelhos industriais, aparatos tanto de utilidade do espaço público como também para o privado, voltados para satisfazer as necessidades e os desejos que passaram a existir a partir da vida moderna.

Neste sentido, não podemos esquecer as distinções as quais foram marcadamente valorizadas pelo século XVIII, na medida em que num primeiro momento a luz estava voltada para os ricos e o espaço urbano, desta forma as percepções acerca deste melhoramento traziam a crescente exigência de uma iluminação melhorada na sua qualidade e quantia fornecida à cidade e residências.

O conforto torna-se um fator que vai aos poucos se definindo dentro da dinâmica da cidade e suas relações culturais e sociais. Com toda a rotina diária voltada ao trabalho, a busca pelo conforto, para os burgueses, se torna a ordem do dia no século

ISBN: 978-85-98711-10-2

XIX. Assim as mobílias confortáveis, luz de qualidade, lugares destinados ao repouso favoreciam a recuperação das energias perdidas no trabalho.[3]

É importante lembrar a tecnologia da luz elétrica nos edifícios projetados em Londres. Os lampiões a gás produziam uma perigosa freqüência que possibilitava a proliferação de incêndios, assim a iluminação criada por Thomas Edison proporcionava aos ambientes internos, maior proteção, ficando mais iluminados sem a necessidade da utilização constante das janelas. "As lâmpadas, por exemplo, adaptavam-se maravilhosamente às cavidades dos lampiões, e bem assim às tubulações de aquecimento e os dutos de ventilação aos tetos de corredores e escadarias de serviço." (SENNET, 2006: 280).

Desse modo, as capacidades renovadoras da iluminação e suas técnicas conferiam uma maior possibilidade para organizar os modos de vida, no que está relacionado à maior mobilidade, outro estilo de intimidade, outros lazeres e outras sociabilidades para a leitura e conversação, ou seja, a incapacidade de controlá-las contribuía para a confusão do espaço público e do espaço particular. (ROCHE, 2000: 158)

Sevcenko (1988) [4] nos fala das mudanças advinhas que foram sentidas na modernidade com a adoção da eletricidade. O autor destaca as impressões causadas pela eletricidade em São Paulo, o que nos ajuda a compreender como foram produzidas as imagens sobre a necessidade desse novo aparato moderno. O mesmo reproduz uma citação de Calixto Cordeiro que nos tem muito a dizer sobre as vantagens da eletricidade:

> A eletricidade representada como uma figura misteriosa, que a autoridade pública cativa e controla, e da qual ela deriva o seu poder simbólico. Apresentando-se como a fonte que monopoliza novo potencial miraculoso, o que todos desejam ter acesso, os dirigentes políticos se revestem da imagem de agentes legítimos incontestáveis da modernização. (SEVCENKO, 1988: 547).

---

[3] SENNET, Richard. Individualismo Urbano. In: Carne e pedra.Tradução de Marcos Aarão Reis. 4°ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. pp. 260-285.

[4] SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio. Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo, Cia. Das Letras, 1988 (pp. 513-619).

ISBN: 978-85-98711-10-2

A partir daí, compreendemos como os raios da luz elétrica foram importantes na construção de uma nova percepção acerca das modificações culturais e sociais. Uma forma de atestar status na sociedade: um exemplo disto era o luxo e riqueza em possuir luminárias elétricas. Assim, possuir em suas residências e/ou estabelecimentos comerciais a eletricidade era a forma mais legitima de mostrar que estavam sintonizados com as novidades modernas.

O caso de Campina Grande guarda suas limitações e singularidades, no entanto não a deixa muito distante da realidade acima citada sobre os elementos que compunham o conforto, em especial a energia elétrica. Verificamos que a cidade também sentia a necessidade desse aparato para uma satisfação de seu cotidiano.

A energia elétrica de Campina Grande desde os anos iniciais de sua efetivação já era criticada graças a sua instabilidade. Neste sentido, acreditamos ser importante percorrer as fontes para que assim possamos reconstruir como a ausência de luz ou sua ineficiência, prejudicava, em grande medida, o conforto desejado no espaço privado e no espaço público.

Ao tratarmos do espaço privado atentaremos para a dificuldade de utilização de determinados aparelhos modernos. Já no espaço público buscaremos compreender como a economia se via prejudicada pela ineficiência do sistema de iluminação, em especial nos estabelecimentos comerciais.

Quando o estabelecimento comercial não possuía seu gerador próprio a saída era recorrer as páginas de jornais para a publicação de matérias chamativas e convicentes para tornar público o comércio que vivia prejudicado pela falta de luz.

> “ Entre as cousas curiosas de Campina Grande chama a atenção o uso de nossos comerciantes, de enfeitarem com velinhas acezas as mercadorias dos seus estabelecimentos, ficando as mesmas parecidas com lapinha, ou cimiterio em noite de finados. Quem não souber do custume dos nossos comerciantes fica pensando que a cidade não tem empreza de lús.”(O Rebate. A empreza de Luz. 2/10/1932)

Verificamos o tom irônico ao se tratar do fornecimento de luz prestado aos estabelecimentos comerciais. Com a falta de luz fazia-se necessário recorrer aos recursos que já deveriam na ótica dos letrados estarem obsoletos desde a implantação da luz elétrica na cidade. E mais: os que frequentassem a cidade e vissem a deficiencia

ISBN: 978-85-98711-10-2

de iluminação poderiam entender que não havia luz elétrica na cidade. Assim, configurava-se o atraso em matéria de iluminação moderna.

Os hábitos e práticas cotidianas produzidas nas residências em Campina Grande, por conta da iluminação elétrica haviam mudado consideravelmente. No entanto, por conta do mau fornecimento de luz não podiam aproveitar os seus equipamentos modernos. Nas mais variadas reivindicações, podemos perceber o desejo em ter uma energia elétrica que fosse capaz de fazer funcionar os aparelhos da casa:

> "Quase todas as noites, e sempre aos sabbados e quartas, quando mais o commercio precisa de iluminação ficamos inteiramente ás escuras. Os nossos radiophilos vivem aqui num estado de permanente indignação, por que desejam ouvir musicas e noticias, e os seus apparelhos, por causa da luz, não dizem nada." (Voz da Borborema. Campanha contra á má luz *os novos motores desembarcarão em Recife no dia 18*. 16/10/1937)

Como podemos perceber as práticas cotidianas nos domicílios se fazia com a utilização de energia elétrica. O trecho acima nos mostra que a precariedade do fornecimento de luz não era um traço presente apenas no comércio da cidade, mas também nas suas residências.

Desejava-se "ouvir músicas e notícias, e os aparelhos, por causa da luz, não diziam nada"; todas as maquinarias que se valiam da utilização de eletricidade tinham seu funcionamento ameaçado devido a precariedade do fornecimento de luz. Ficando evidentes as mudanças das práticas domésticas com a utilização da energia elétrica.

Campina Grande, graças ao comércio algodooeiro na década de 1930, recebeu comerciantes e empresários dos setores industriais. Desse modo, não podemos traçar a história da implantação da energia elétrica em Campina Grande sem destacar a dinâmica das indústrias e tecnologias que começavam a ganhar corpo na cidade, bem como os espaços públicos que permitiam o lazer e sociabilidades promovidos pela nova luz artificial moderna.

Em editorial publicado em 21/07/1397, a Voz da Borborema projeta boas perspectivas para os campinenses. Apresenta uma mudança do fornecimento de energia, que passa por um período de uma melhoria facilitando o passeio e as práticas cotidianas. Percebemos como a utilização do rádio fazia parte do cotidiano dos campinenses que

ISBN: 978-85-98711-10-2

buscavam seguir os parâmetros das grandes capitais brasileiras. A iluminação assim poderia contribuir enquanto ela permanecia constante para os prazeres que a noite reservava como a leitura de um livro, jornal, escutar notícias.

> "Quer dizer que já podemos ver um transeunte a cinco metros de distancia. O povo tem afluído mais as praças, ha mais riso á noite, os rádios funccionam sem os irritantes colapsos, os que reservam, para a noite, leitura de jornais, revistas e de qualquer livro bom, tecem o prazer calmo de devorál-os, enquanto não pesam as pálpebras." (Voz da Borborema." SA. Empreza de Luz e Força. 21/07/1937)

Roche (2000: 154) [5] nos ajuda a compreender como é elaborada essa necessidade de utilizar a energia elétrica para o conforto, na medida em que as vantagens da iluminação iam muito além da adoção de um equipamento caro que a elite desejava implantar em seu cotidiano. O que deve ser destacado é justamente a luz enquanto conquista de uma civilização, por meio de um conjunto de procedimentos que ainda não estavam completamente banalizados.

O prefeito Bento Figueirêdo (1938-1940), marcou sua gestão com melhoramentos urbanos como, por exemplo, a reforma do contrato da luz. Destacamos aqui a Biblioteca Pública Municipal, espaço intelectual voltado para a leitura, item caro às cidades modernas; a urbanização e sua consequente modernização trazia as luzes da ilustração: assim, saber ler tornou-se um emblema de distinção.

> "Hoje, que a administração brilhante do snr. Bento de Figueirêdo criou para o pôvo campinense uma óbra de incomparável valor, intelectual – a Bibliotéca Publica Municipal- somos, a maior parte das noites, impossibilitados de frequentá-la, dada a deficiencia de luz." (Voz da Borborema. De Mal a Peor a Luz de Campina. 14/05/1938)

O conforto proporcionado pela leitura noturna de um espaço de sociabilidade como era o caso da Biblioteca Pública, tornava-se prejudicado com falta de luz. Um empecilho para se seguir os moldes das grandes cidades brasileiras.

Entre os projetos em execução na cidade de Campina Grande empreendidos na gestão de Bento Figueirêdo podemos citar um contrato assinado entre a prefeitura e a firma Siemens, Schubert & CIA, para a compra e montagem de uma fonte luminosa

[5] ROCHE, Daniel. Op. Cit. 2000.

ISBN: 978-85-98711-10-2

para a Praça Clementino Procópio, que segundo o jornal Voz da Borborema, seria uma obra inaugurada no mesmo ano, estamos tratando de 1938.

Imaginemos o que significaria simbolicamente a montagem de uma fonte luminosa para a cidade de Campina Grande numa praça bem visitada pela elite, como era o caso da Praça Clementino Procópio, criada justamente com o intuito de ser mais forma de lazer para a elite campinense moderna: os elementos da excelência do conforto.

O debate prossegue com Epaminondas Câmara. Desejoso de ver sua cidade melhorada com os benefícios da iluminação pública anunciava vez por outra a carência no fornecimento de luz. Em seu livro intitulado "Datas Campinenses", valida a importância de deixar a sociedade a par da precariedade da iluminação elétrica, destacando a falta de luz nas residências.

> "A empresa de luz pela quinta vez deixou a cidade ás escuras, havendo iluminação de reduzidíssima voltagem nos domicílios. Acordem, despertem, enfileirem-se aos seus verdadeiros benfeitores e façam frente única em combate moderado e constante contra os sabotadores do progresso da terra comum. [...]". (CÂMARA 1998: 126).

Percebemos que não era apenas uma "luta" travada por uma melhoria da iluminação das ruas, mas, sobretudo, fazia-se necessário também uma luz domiciliar que pudesse contribuir para o conforto da elite da cidade. Se a iluminação pública na maioria das vezes se tornava insuficiente a ponto de deixar todas as ruas em plena escuridão, o espaço privado ainda possuía iluminação mesmo com seu estado oscilante.

Verificamos que havia uma maior preocupação da Empresa Luz e Força S.A para atender às demandas do espaço privado, muito embora ainda fosse consideravelmente precária. É importante considerar as implicações no que diz respeito às taxas e impostos os quais eram pagos para a manutenção e fornecimento desse equipamento nos domicílios, haja vista que a burguesia campinense exigia um serviço de qualidade para a quantia que lhe era paga.

Diante disso, ao analisar os avisos publicados pela Empresa Luz e Força S.A no jornal Voz da Borborema, é apresentada a 7° clausula assinada entre a empresa e a

ISBN: 978-85-98711-10-2

municipalidade que define bem o tratamento diferenciado em se tratando da luz elétrica pública e particular. Vejamos:

> "A S.A. Empreza Luz e Força de Campina Grande previne ao publico que a clausula 7° do seu contrato com a Municipalidade dispõe:
> A concessionária terá o direito de:
> Exclusivamente fazer instalações particulares ou cobra a taxa de 20 % e sobre os serviços executados por outrem com o seu consentimento e mediante exame previo.
> Suspender a iluminação na falta de pagamento por 2 mezes cobrando a titulo de multa, 1 % sobre as prestações e contas vencidas.
> Cortar a ligação ao devedor impontual e exigir uma multa de 200$000 ao consumidor que tiver cometido fraude ou violado o selo do contador.
> Fiscalisar as instalações não podendo o particular impedir, sob qualquer pretexto, a verificação da capacidade das lampadas.
> MATERIAL ELETRICO
> A Empreza de Luz mantem atualmente <stock> de material elétrico que vende a preços reduzidos, por isso que visa á comodidade de seus clientes." (Voz da Borborema. S.A Empreza de Luz e Força de C. Grande. Aviso ao publico. 15/10/1938)

As medidas eram claras para aqueles que transgredissem as regras do contrato. Fica evidente a necessidade de apresentar a empresa de energia elétrica como aquela capaz de assegurar a comodidade dos domicílios, desde que se pagassem as taxas de sua utilização. É importante destacar o interesse da Empresa Luz e Força S.A em divulgar as clausulas referentes à implementação da iluminação da energia elétrica particular, mostrando que embora sofresse alguns percalços anunciavam a realização de um trabalho satisfatório.

Verificamos ainda na 7° clausula do contrato apenas os direitos quase absolutos da empresa de luz em detrimento daqueles que contratavam os seus serviços. Com poucas garantias de um fornecimento satisfatório, apenas fala da qualidade de seu material elétrico.

Merecemos citar a 4° clausula do contrato em que a Empresa de Luz assumia o compromisso de gerar uma força motriz de 1.200 HP no prazo de 18 meses a contar do início da efetivação do contrato estabelecido com o município. Percebemos que um prazo bem maior era concedido à empresa para fornecer energia, na medida em que, quem não pagasse sua energia domiciliar no prazo de 2 meses teria a sua conta de luz cortada, mais um privilégio concedido a empresa de luz de Campina Grande.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Recuperamos o relatório apresentado na Voz da Borborema para a prestação de contas da Empresa de Luz no exercício do mês de março de 1939, que nos fala sobre a dinâmica da iluminação particular.

> "Com a instalação do motor BENZ, melhorou consideravelmente a iluminação particular. A renda no primeiro trimestre do ano de 1939 atingiu 113:420$000 contra 76:861$000 em igual período do ano de 1938. Registramos, pois, um aumento de 36:555$800 e três mezes, aumento que será muito mais apreciavel quando tivermos apresentado os transformadores uniformissando a voltagem em todas as nossas linhas..." (Voz da Borborema. Relatorio da Diretoria da S.A Empreza de Luz e Força de Campina Grande, em 31 de março de 1939. 06/05/1939)

A instalação do motor BENZ fazia parte dos compromissos firmados com o contrato de 1938, assinado por Bento Figueirêdo[6] . Em nossa pesquisa nos jornais, além das reclamações contra a iluminação das ruas, são perceptíveis também as queixas em se tratando da falta de luz nas residências. Medidas que visassem os melhoramentos no fornecimento para as casas só foram vistos no ano de 1939, como evidencia a matéria publicada no Voz da Borborema transcrita acima.

Em suas crônicas publicadas no Jornal Voz da Borborema, Cristino Pimentel pôs em relevo os problemas oriundos da luz elétrica. Vejamos o seguinte trecho:

> "... As que nos fornece até parece com tochas de vagalumes fincadas aqui e acolá... e vamos pagando, pagando, pagando até um dia não termos mais luz definitivamente, e dahi em diante surgirem providencias tardias de efeitos nulos." (PIMENTEL, Cristino. "Coisas da cidade", Voz da Borborema, 10/11/1938)

O seu discurso progressista visava uma cidade civilizada, não aceitando a revoltante deficiência no fornecimento de luz, o chamado Conto da Sereia[7]·. Sendo essa luz oscilante e precária fazia-se necessário recorrer aos antigos candeeiros de querosene ou as velas e além de ter a despesa na compra de tais utensílios tinham que pagar a conta de energia elétrica, sem dúvida um gasto a mais.

---

[6] O contrato de 1931 já havia passado por algumas modificações na gestão do prefeito Vergniaud Vanderley em 1937. Sendo alterado substancialmente em 1938, na gestão de Bento Figueirêdo. Ver o segundo capítulo deste trabalho.

[7] Expressão apreciada inúmeras vezes no jornal Voz da Borborema do ano de 1937, as pessoas se encantavam com promessas vãs o que na verdade estava mais próximo de um engodo.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Os anúncios publicitários do Jornal a Voz da Borborema nos ajudam a compreender a dinâmica da elite campinense quando apresenta modernos elétricos; informam sobre profissionais que trabalhavam fazendo consertos em aparelhos elétricos; anunciam estabelecimentos voltados ao lazer e conforto e tantos outros espaços que se valiam da energia elétrica para dinamizar-se.

Mesmo com a precariedade da energia elétrica na cidade de Campina Grande, as propagandas buscavam convencer os leitores a adquirir equipamentos e à práticas que só poderiam ser plenamente usufruídos com auxílio da eletricidade. Isto fica evidente quando pensamos que esses equipamentos estavam na dimensão do desejo de construção de uma cidade e de vidas modernas.

É fundamental refletirmos acerca dos limites impostos pela adoção da luz elétrica por aqueles que não possuíam recursos, afinal ter luz elétrica nas residências não era possível para todos tendo em vista os altos custos que envolviam o processo de implantação no espaço particular.

Como vimos os ditames da adoção da energia elétrica enquanto elemento essencial para o conforto das elites nos séculos XIX e XX tornou-se traço fundamental para atestar o conforto de uma burguesia que se via mais exigente. No caso de Campina Grande, percebemos um grande fosso que insistia em impedir a utilização da eletricidade no cotidiano da elite, no entanto, notamos a existência de articulações por parte da burguesia desta cidade em encontrar saídas para os limites impostos pelos caminhos que conduziam a Rainha da Borborema ao tão desejado progresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódicos:

O Rebate (1932)- Jornal avulso

A Frente (1934)- Jornais avulsos

A Batalha (1934-35)

Jornal Voz da Borborema (1937- 1939)- edição completa

ISBN: 978-85-98711-10-2

Livros e artigos:

ARANHA, Gervácio Batista. "Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)". In: A Paraíba no Império a República: estudos de história social e cultural. João Pessoa: Idéia, 2003.

BÉGUIN, François. "As maquinarias inglesas do conforto". In: Espaço e Debate-Revista de Estudos Regionais e Urbanos, n° 34. São Paulo: ano XI, 1991.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 69-87(A observação histórica).

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: Escrita, Linguagem, objetos: leituras de história cultural. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) Bauru, SP : EDUSC, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950) Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Doutorado em Sociologia, 2007.

_____. A cidade desejada: Campina Grande, imagens e história. In: Antonio Clarindo B. Souza; Eugêniz M. Dantas; Iranilson B. de Oliveira; Joel C. S. Andrade. (Org.). Cultura e Cidades. 1ª ed. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2009, v, p. 40-54.

CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. 2◦ed. Campina Grande: Caravelas, 1998.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LUCA, Regina Tânia. *Fontes Impressas* História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

PAES, Marcelo Renato de Cerqueira. Do Azeite de Mamona à Eletricidade Anotações para uma História da Energia Elétrica na Paraíba. 2 ed. João Pessoa: Editora Rivaisa, 1994.

ROCHE, Daniel. História das coisas banais Nascimento do consumo nos séculos XVIII - XIX. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

RONCAYOLO, Marcel. "Transfigurações noturnas da cidade: O império das luzes artificiais" (pp.97-101). Tradução de Eveline Bouteiller Kavakama. In Projeto História. 1999.

SENNET, Richard. Individualismo Urbano. In: Carne e pedra.Tradução de Marcos Aarão Reis. 4°ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. pp. 260-285.

ISBN: 978-85-98711-10-2

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio. Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo, Cia. Das Letras, 1988 (pp. 513-619).

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural In**:** Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.